

**OSCAR WILDE**

**BALADA DO CÁRCERE  
DE  
READING**

**JOSÉ MARIA ALVES**  
[www.homeoesp.org](http://www.homeoesp.org)  
[www.josemariaalves.blogspot.com](http://www.josemariaalves.blogspot.com)

## I

Ele despira a túnica vermelha;  
mas sangue púrpuro, encarnado,  
sangue e vinho das mãos lhe gotejavam,  
quando o viram, alucinado,  
junto do leito dela, - o seu amor,  
seu pobre amor apunhalado.

Ia andando entre os mais, e era cinzento  
o traje velho que vestia.  
Usava um gorro às listas, e o seu passo  
ligeiro e alegre parecia.  
Porém eu nunca vi homem que olhasse,  
tão pensativo, a luz do dia.

Jamais, jamais vi homem contemplar,  
com tão profundo sentimento,  
essa breve, essa estreita faixa azul  
que os presos chamam firmamento:  
e as nuvens brancas, velas cor de prata,  
vogando no ar, flutuando ao vento!

Eu, com outras almas angustiadas, ia  
andando em pátio separado,  
a cismar qual o crime, grande ou leve,  
por que o teriam condenado,  
- quando alguém sussurrou atrás de mim:  
«vão pendurar esse coitado!»

Jesus! as próprias grades da prisão  
rodam, de súbito, em delírio!  
Pesa o céu sobre mim, qual elmo de aço  
que o Sol inflama, - ardente círio!  
E a minha alma, de mágoa trespassada,  
esquece, olvida o seu martírio.

Eu soube, então, a ideia lacerante  
que o atormenta, e o faz correr,  
e o faz olhar, tristonho, o céu radiante,  
radiante, e alheio ao seu sofrer:  
ele matou aquela que adorava,  
- por causa disso vai morrer.

No entanto (ouvi!) cada um mata o que adora:  
o seu amor, o seu ideal.  
Alguns com uma palavra de lisonja,  
outros com um frio olhar brutal.  
O covarde assassina dando um beijo,  
o bravo mata com um punhal.

Uns matam o Amor velhos; outros, jovens;  
(quando o amor finda, ou o amor começa);  
matam-no alguns com a mão do Ouro, e alguns  
com a mão da Carne, - a mão possessa!  
E os mais bondosos, esses apunhalam,  
- que a morte, assim, vem mais depressa.

Uns vendem, outros compram; uns amam pouco,  
noutros, o Amor dura de mais;  
uns enterram-no aos ais, vertendo pranto,  
outros sem prantos e sem ais:  
todo o homem mata o Amor; porém, nem sempre,

nem sempre as sortes são iguais.

Nem sempre ele padece morte infame,  
por um dia trágico e baço,  
o capuz na cabeça, e na garganta  
a corda fria, o horrído laço;  
nem fica a balançar, do alto de um poste,  
- soltos os pés e as mãos no espaço.

Nem vai sentar-se entre homens silenciosos,  
que estão imóveis, de vigia,  
ou procure rezar, ou chore, triste,  
em amaríssima agonia:  
a sua vida é presa da prisão,  
- ah, não a roube ele algum dia!

Nem vê ao despertar, sombras estranhas  
cruzando a sua húmida cela:  
o Capelão, de branco e vacilante,  
mais o Xerife, atroz, que o vela;  
e o Director, de luto, como a Sorte,  
- a face pálida, amarela.

Nem tem de erguer-se arrebatadamente,  
vestir as roupas da prisão,  
enquanto algum doutor, boçal, lhe espia  
a mais ligeira contorção,  
- com o tiquetaque hostil do seu relógio  
a martelar-lhe o coração!

Nem vai sentir, fogosa, na garganta,  
uma secura imitigável,  
antes que o Algoz, soturno, abrindo a porta,  
- hirto, enlulado, inexorável, -  
o ate com três correias, pra que nunca  
sofra mais sede, o insaciável!

nem tem de ouvir, curvado, o Ofício Fúnebre,  
Ofício Fúnebre de morto;  
nem, pensando que ainda não morreu,  
contemplará, transido, absorto,

o seu próprio caixão, entrando, lento,  
no seu antro de Desconforto.

Nem, por tecto de vidro, enxergará,  
do dia, a luz ténue e fugaz;  
nem a Deus rogará, com lábios secos,  
breve agonia, - o Sono, a Paz;  
nem sentirá, na sua face trémula,  
o beijo torpe de Caifaz.

## II

Seis semanas inteiras ele andou  
com a veste usada que trazia.  
Tinha um gorro de listas, e o seu passo  
ligeiro e alegre parecia;  
porém eu nunca vi homem que olhasse,  
tão pensativo, a luz do dia.

Jamais, jamais vi homem contemplar,  
com tão profundo sentimento,  
essa breve, essa estreita faixa azul  
que os presos chamam firmamento;  
e as nuvens esgarçadas no horizonte,  
- flocos de espuma errando ao vento!

Não retorcia as mãos, - tal como alguns  
de ideia curta, e alma louçã,  
que ousam crer, mesmo em negro Desespero,  
numa Quimera estulta e vã:  
ele fitava, calmo, a luz da aurora

sorvendo o ar puro da manhã.

Não retorcia as mãos e não chorava,  
nem lamentava o seu inferno;  
ia, apenas, bebendo o ar como um bálsamo,  
bálsamo bom, bálsamo eterno...  
Abria os lábios e bebia o Sol,  
como uma taça de falerno.

E eu, e todos os mais, - nós que penávamos  
num outro pátio separado,  
esquecemos de pronto as nossas faltas,  
a nossa Sorte, o nosso Fado,  
para seguir, com olhar de assombro, esse homem  
que ia, entre nós, ser enforcado!

E era estranho que o víssemos andando,  
- tão leve e alegre parecia...  
E era estranho que o víssemos fitando,  
tão pensativo, a luz do dia.  
E era estranho lembrar que ele, a sua dívida,  
de tal maneira a pagaria.

Tem lindas folhas o álamo e o carvalho,  
que em Maio brotam viridentes;  
mas é medonha a força, - a árvore negra,  
raiz mordida de serpentes:  
e verde ou seca, morre o condenado  
sem lhe avistar frutos pendentes.

É para o céu, para o azulado empíreo,  
que o anseio humano se alevanta!  
Mas quem, do alto da forca, atado a um laço,  
com a corda presa na garganta,  
ergue seu turvo olhar ao firmamento  
quando o carrasco se adianta?

Dançar, ao som de um violino, enleva,  
se a Vida é bela e é belo o Amor;  
dançar, ao som de flautas e alaúdes,  
é raro, fino, embalador...

Mas é horrível, no ar, com os pés ligeiros,  
dançar, num último estertor!

Curiosamente, mudos, consternados,  
o vigiávamos dia a dia,  
pensando que talvez nosso destino  
igual ao dele acabaria:  
pois ninguém sabe a que horroroso inferno  
a Sorte bárbara nos guia.

Por fim, deixei de vê-lo entre os mais presos,  
sempre sozinho, vagamundo...  
Soube então que o levaram; que jazia  
em negro cárcere profundo,  
e que eu, jamais, de novo o enxergaria,  
neste belo, divino mundo...

Dois navios perdidos que se cruzam  
em ruim paragem tormentosa,  
- nós nos cruzámos, mudos, sem um gesto,  
numa atitude silenciosa:  
pois de dia nos vimos (não de noite)  
e a luz é casta, é vergonhosa.

Muros de uma prisão nos circundavam,  
éramos réus por nossos danos.  
Deus e o seu mundo, inexoravelmente,  
nos repeliram desumanos;  
e a sinistra armadilha do Pecado  
nos seduziu com seus enganos.



### III

É um forte, o Pátio dos Endividados:  
muralhas frias, pedra dura.  
Lá passeava ele ao ar, sob o céu plúmbeo,  
entre dois guardas de clausura,  
temerosos que o preso lhes morresse  
de qualquer morte prematura.

Ou sentava-se entre esses que à sua dor  
sempre ficavam de vigia,  
quer de joelhos rezasse, quer se erguesse  
para chorar sua agonia;  
- não fosse ele roubar-lhes uma vida  
que só à força pertencia.

O Director timbrava em executar  
a letra do Regulamento;  
para o Doutor, a morte era, em ciência,  
um banal acontecimento;

- duas vezes por dia o Capelão  
deixava um opúsculo ao detento...

Duas vezes por dia ele fumava  
o cachimbo, e bebia um trago.  
Sentia a alma valente, e sem lugar  
para o pavor, o medo aziago:  
e dizia esperar, ânimo alegre,  
do Carrasco o sinistro afago.

Mas nenhum guarda nunca perguntou  
a razão desse estranho gosto...  
Ó Guardas da Cadeia! Quem por sorte,  
quem por sorte ocupe esse posto,  
deve trazer nos lábios um cadeado  
e andar de máscara no rosto.

Pois de outra forma se comoveria,  
tentaria uma frase amena...  
Mas no «Antro de Homicidas», que diria  
da Caridade a voz serena?  
Que palavra de alívio ela traria  
a uma alma irmã, nessa geena?

Cadenciados, marchando em volta ao pátio,  
nós somos loucos em parada!  
Que importa? Bem sabemos que Satã  
é o general desta Brigada.  
Lenta, arrastando os pés, cabelo curto,  
lá vem a alegre mascarada!

Desfiamos cordas alcatroadas, rijas,  
- unhas gastas, dedos sangrentos;  
esfregamos o chão, limpamos portas,  
e metais claros, espelhentos;  
e enxaguamos, aos turnos, o assoalhado,  
batendo baldes barulhentos.

Cosemos sacos e quebramos pedras,  
furamos tábuas com uma pua.  
Tinem marmitas; cantos se misturam;

gira o moinho, e a gente sua...  
Mas dentro da nossa alma, um terror mudo,  
um terror grande se insinua.

Por isso os dias correm lentos, como  
vagas, rolando com sargaços!  
E nós nos esquecemos do Destino,  
que os homens vis prendem em seus laços,  
- quando, ao vir do trabalho, um dia, vemos  
uma cova, ante os nossos passos.

Boca amarela e rude, ela bradava  
por uma vítima; e, feroz,  
a terra hostil pedia sangue ao pátio,  
- pedia sangue, em alta voz!  
Ah! logo vimos que ao romper da aurora  
iria à força um dentre nós.

Recolhemo-nos todos, a alma atenta  
à Morte, à Sorte, e ao Medo infando.  
O Algoz passou com o seu pequeno saco,  
na treva os passos arrastando;  
e cada qual, na tumba numerada,  
se enfiou, trémulo e cismando.

Nos longos corredores, essa noite,  
a Sombra e o Medo erraram juntos;  
pelo Antro Férreo, passos se sentiam,  
sem som, furtivos, desconjuntos...  
E por fora das frades, espiavam  
faces macabras de defuntos.

E ele dormia calmo, como quem  
dorme em Abril, numa clareira.  
Os que, de noite, o sono lhe vigiavam,  
não sabiam de que maneira  
podia alguém dormir, tão sossegado,  
e com o Carrasco à cabeceira.

Não há, porém, repouso, quando choram  
os que nunca verteram pranto!

Assim, nós, criminosos, nós velámos,  
(noite sem fim, de Horror e Espanto!)  
e a angústia alheia, - a Dor no-la estendeu  
por sobre as almas, como um manto.

Ai! do Pecado de outrem, como é dura,  
como é terrível a expiação!  
Ai! com o gládio do Mal envenenado,  
varando o nosso coração,  
- que lágrimas de fogo não chorámos  
pelo crime daquele irmão!

Com sapatos de feltro, às nossas portas  
passavam, mudos, os rondantes;  
e viam, surpreendidos, pelas frestas,  
formas humanas, vacilantes:  
e estranhavam por que é que erguiam preces,  
esses que nunca oraram dantes!

Loucos, velando um morto, nós rezámos,  
ajoelhados, fitando o céu.  
A escuridão da noite, parecia  
de uma essa negra o negro véu.  
E era esponja embebida em vinho amargo,  
o Remorso de cada réu.

Cantaram galos, rubros e cinzentos,  
sem que rompesse o dia após...  
Tortuosas formas tétricas, nas celas,  
nos transiam de horror atroz:  
e os espíritos maus da noite morta,  
riam, pulando em frente de nós.

E rápidos giravam, deslizavam,  
como viandantes na neblina.  
Imitavam a Lua, contorcendo-se  
em pose grácil, feminina:  
e, passos nobres, elegância odiosa,  
chegavam outros em surdina.

Alegres, trejeitando, e de mãos dadas,

entram, de súbito, em ciranda!  
Rodopiam fantasmas em delírio,  
numa grotesca sarabanda;  
e, caricatos, fazem arabescos,  
como o vento na areia branda!

Com piruetas gentis de marionetes,  
leves, levíssimos bailavam!  
Era estridente a música do medo  
com que o seu baile acompanhavam:  
e para despertar na cova os mortos,  
alto, bem alto, eles cantavam:

«Oh! – diziam – o mundo é largo. A viagem,  
para os trôpegos, é enfadonha!  
Jogar os dados uma ou duas vezes,  
é de bom-tom, gente bisonha!  
Mas, ai! perde quem joga com o Pecado,  
na oculta Casa da Vergonha.»

Não eram sombras vãs, esses fantoches,  
volteando em doida alacridade!  
Para nós, - vidas presas na Prisão,  
pés tolhidos, sem liberdade,  
eram, - senhor do Céu ! – entes bem vivos  
e de execranda fealdade!

Sempre ao redor, valsavam contorcendo-se:  
alguns, giravam com seus pares;  
outros subiam, ágeis, as escadas,  
em atitudes singulares...  
E outros arremedavam nossas preces,  
rindo, a zombar, fazendo esgares.

Gemia o vento da manhã, lá fora,  
mas a noite, sem arrebol,  
em seu tear gigante inda tecia,  
da treva, o fúnebre lençol!  
E nós, a orar, sofríamos, temendo  
a Justiça clara do Sol.

Gemia o vento em volta das muralhas  
do húmido cárcere infernal;  
e o Tempo, enfim, moveu-se, - como roda  
de aço, a girar no vendaval.  
Ó vento soluçante! que fizemos,  
para te ter por senescal?

Por fim, a sombra amarga da janela,  
- ferros cruzados em xadrez,  
ante o meu catre, na parede branca,  
foi surgindo, com timidez...  
Vi que a aurora de Deus, tremendamente,  
rompera, algures, outra vez.

Varremos, às seis horas, nossos quartos;  
e às sete, como em pesadelo,  
um bater de asas, forte, encheu os ares,  
passou, num trágico arrepelo.  
Era o Senhor da Morte que chegava,  
com frio hálito de gelo.

E não chegou, pomposo, em corcel branco,  
manto de rei, de arminho e penas.  
Bastam à forca uns metros, só, de esparto,  
e uma tábuia, das mais pequenas...  
Para o trabalho oculto, o Arauto veio  
com a corda da Desonra apenas.

Éramos como quem, num brejo escuro,  
a tactear, trémulo avança.  
Nem já tínhamos ânimo de orar,  
nem de entrever paz e bonança!  
Morrera dentro em nós alguma coisa:  
morrera, em nós, nossa Esperança.

A Justiça dos Homens, firmemente,  
segue na sua arremetida:  
implacável, severa, vai levando  
o forte e o fraco de vencida:  
- com calcanhar de ferro esmaga o forte,  
a monstruosa parricida!

O toque das oito horas aguardámos,  
cheios de sede, - ardor aflito!  
pois o toque das oito é o Destino  
com que nasceu o homem maldito;  
e o Destino usa sempre a mesma corda,  
para o justo e para o precito.

Só tínhamos, sentados, que esperar  
por esse toque ameaçador...  
Pedras soltas, num vale abandonado,  
era sem fim nosso torpor:  
mas, agitado, o coração batia,  
como um demente num tambor!

Súbito, na Prisão, bate o relógio,  
e o som, pelo ar, vibra espantoso!  
E um gemido de dor, de desespero,  
ecoa, lúgubre, estrondoso,  
- qual o grito que lança, num paul  
a boca negra de um leproso!

Como quem, no cristal claro de um sonho,  
vê uma tragédia apavorante,  
assim vimos a corda gordurosa  
balançar, no poste infamante;  
e ouvimos a oração, que o nó do Algoz  
cortou, num grito lancinante.

Eu compreendi, melhor do que ninguém,  
aquele grito amargo e forte,  
e o seu remorso, e o seu suor de sangue,  
e a angústia, o horror da sua sorte!  
- Pois o que vive mais do que uma vida,  
deve morrer mais do que uma morte.

## IV

Não há ofício, no dia em que na forca  
um dentre nós cumpre a sua sina:  
ou sente, o Capelão, pálida a face,  
ou grande dor d' alma o domina;  
ou, coisas que ninguém deve saber,  
inda lhe bailam na retina.

Meio-dia era já, quando vibrou  
do sino o toque funerário!  
A cada qual, espiando, os guardas abrem  
a cela, - e em passo tumultuário,  
vamos descendo a férrea escada, livres  
do nosso inferno sedentário.

Fomos andando ao ar suave de Deus,  
mas, como dantes, ninguém ia;  
- pois, faces brancas uns, outras cinzentas,  
o medo nelas transluzia!



E eu nunca vi ninguém olhar assim,  
ansiosamente, a luz do dia.

Eu nunca vi ninguém olhar assim,  
com tão profundo sentimento,  
essa breve, essa estreita faixa azul  
que os presos chamam firmamento.  
E as nuvens, sem cuidado, ao longe, no ar,  
felizes, livres como o vento!

Mas, entre nós, havia uns que marchavam  
cabisbaixos, alma aflitiva,  
sabendo bem que a força mereciam,  
pois sua falta era excessiva:  
mataram uma coisa morta, e o outro,  
- apenas uma coisa viva.

O que peca segunda vez acorda,  
para a Dor, uma alma dormente:  
tira-a do seu sudário maculado,  
e a faz sangrar sangue vivente;  
e a faz sangrar, num jorro largo e forte,  
e a faz sangrar inutilmente.

Quais monos e truões, vestes listadas,  
bizarramente, uma por uma,  
seguimos silenciosos, dando a volta  
ao pátio escuro, envolto em bruma;  
seguimos, silenciosos, dando a volta,  
e ninguém disse coisa alguma.

Seguimos, silenciosos, dando a volta,  
e à nossa mente, oca e vazia,  
a memória fatal de coisas fúnebres,  
um vento fúnebre a trazia;  
e o Horror nos enfrentava a cada passo,  
e o Terror, bárbaro, o seguia.

Passam guardas de um lado para o outro,  
vigiando, espiando a horda de brutos.  
Seus uniformes novos, de domingo,

brilham, asseados, impolutos:  
mas a cal dos sapatos denuncia  
o que fizeram há minutos.

Pois onde a cova tinha sido aberta,  
não se notava a menor falha:  
só uma faixa de terra e areia fofa,  
junto da hórrida muralha;  
e um punhado de cal, para servir  
ao pobre morto, de mortalha.

Ai! mortalha de cal, abrasadora,  
bem pouca gente é que a reclama!  
Sob um pátio de cárcere (e despido,  
para mais triste e negra fama!)  
ele dorme, com os pés acorrentados,  
envolto num lençol de chama.

E por tempo sem conta a cal roerá  
a carne e os ossos desse irmão:  
de noite os ossos duros, e de dia,  
a carne mole, em consumpção:  
comerá turno a turno a carne e os ossos,  
mas, sem cessar, o coração!

Três longos anos, nada irão plantar  
nesse local de desventura!  
Maldito ficará três longos anos,  
maninho estéril de secura!  
E olhará, com assombro, o céu azul,  
amargamente e sem censura.

Pensam que o coração de quem matou,  
tinha a semente dadivosa.  
Não! A Terra de Deus é acolhedora,  
e, mais que o homem, generosa:  
mais rubra floriria a rosa rubra  
e mais de neve a nívea rosa!

Brotar-lhe-ia uma rosa cor de sangue  
da boca! E, branca, outra do peito!

Quem sabe? Tem Jesus estranhas vias,  
e é estranho, às vezes, seu conceito:  
- fez outrora, ante um Papa, abrir-se em flores  
seco bordão, de um Seu eleito.

Mas, nem rosas vermelhas, nem de neve,  
Podem florir nestes terrenos.  
Só nos dão cacos, sílex e pedras;  
só nos dão mágoas e venenos...  
A flor abranda o Desespero aos simples,  
- e é crime, aqui, sofrer de menos.

Ah! Jamais rosas brancas ou vermelhas  
pétala a pétala cairão  
sobre essa lama em que ele dorme, unido  
ao muro hediondo da Prisão,  
- pra lembrar que Jesus morreu por todos,  
a nós, e aos outros que virão!

Contudo, embora a tétrica muralha  
o envolva, o cinja em férreo abraço,  
e um espírito de pés acorrentados  
não possa, à noite, errar no espaço,  
mas só chorar, chorar, nessa ímpia terra,  
morto de mágoa e de cansaço,

ele dorme em sossego, - o malfeliz!  
ou dormirá, dentro de pouco!  
Não mais, vendo o Terror em pleno dia,  
sofre, e receia ficar louco.  
Não mais! a Negra Pátria em que repousa,  
não tem, nem sol, nem luar tampouco!

Enforcaram-no, assim como a uma fera!  
Nenhum sino dobrou na igreja,  
que ao seu transido espírito trouxesse  
uma paz doce, benfazeja:  
mas depressa o esconderam numa cova,  
onde a parede mais negreja.

Despiram-no. Em seguida o abandonaram,

e com sarcástico sorriso,  
fitaram-lhe a garganta, inflada e púrpura,  
o olhar imóvel, indeciso...  
E envolveram-no, após, numa mortalha,  
brutos, torcendo-se de riso.

Jamais o Capelão se ajoelhará  
na sua campa, que traduz  
a desonra, e jamais nela poria  
a triste benção de uma Cruz.  
- visto ele haver pecado, e ser dos míseros  
por quem veio morrer Jesus.

Enfim, tudo acabou. Do Reino Escuro  
ele transpôs o limiar.  
A urna da Piedade, urna partida,  
há-de, por ele, transbordar!  
Por ele chorarão todos os réprobos,  
esses que sempre hão-de chorar.

## V

Não sei se as Leis são justas ou se injustas.  
Os pobres presos miseráveis  
só sabem que as muralhas da prisão  
são altas, fortes, invioláveis;  
e que um dia é mais longo do que um ano,  
- ano de dias infindáveis.

Mas sei que as Leis, que o Homem, para o homem,  
fez, com seu ânimo iracundo,  
desde o primeiro que matou o irmão,  
e deu início à Dor do mundo,  
são peneiras que guardam joio vil  
e atiram fora o grão fecundo.

E sei também (assim todos soubessem!)  
que as paredes de uma Prisão  
são feitas com tijolos de ignomínia  
e têm grades negras, que são

para Cristo não ver como o Homem trata  
barbaramente o seu irmão.

Grades que a lua amável desfiguram,  
e o sol, de raios triunfais!  
É melhor, sim! que escondam esse inferno:  
pois lá se passam coisas tais,  
que nem Filho de Deus nem filho de Homem  
as deveria olhar jamais.

Como planta daninha, o acto mais vil  
floresce bem, no ar da cadeia.  
Só o que é bom no homem lá se perde,  
só o que é mau lá se granjeia.  
Há dentro um guarda: o Desespero; e à porta,  
a Angústia fica de alcateia.

Matam de fome as tímidas crianças,  
até que chorem noite e dia;  
azorragam os fracos e os dementes,  
maltratam velhos à porfia.  
Uns enlouquecem; todos se pervertem,  
- mas ninguém diz a sua agonia.

Cada célula estreita é uma latrina  
escura, fétida, nojenta!  
Um hálito mortal, fecalizante,  
enche a lucarna pardacenta.  
Tudo morre; a Luxúria, apenas, vive  
e a Humana Máquina atormenta.

A água suja e salobra que bebemos,  
lodo e imundície traz consigo.  
O pão amargo e escasso, que nos dão,  
tem cal e gesso mais que trigo.  
E o Sono, sem dormir, pede, em desvairo,  
que o Tempo abrande o seu castigo.

Embora em nós a Fome e a Sede lutem,  
como serpentes em refrega,  
ninguém cuida em sustento. O que nos mata

é, quando desce a noite cega,  
sentir cada um, no coração, os blocos  
que o dia inteiro ele carrega.

Com meia-noite dentro d' alma, e a cela  
num crepúsculo funerário,  
damos à manivela e esfiamos a cordas  
em nosso inferno sedentário.  
E o silêncio é medonho como um sino  
a badalar num campanário.

Nunca uma voz amiga vem falar-nos,  
meiga, num gesto humano e puro:  
o olhar que nos vigia, no postigo,  
é impiedoso, áspero e duro:  
apodrecemos, - alma e corpo em ruínas,  
esquecidos neste monturo.

Arrastando os grilhões férreos da Vida,  
vamos, sozinhos, degradados:  
um se maldiz; o outro chora; - e seguem  
em silêncio, os mais desgraçados;  
mas a Divina Lei suaviza e quebra  
os corações dos condenados.

E cada um que se quebra na Prisão  
é como aquela ânfora cheia,  
que outrora se partiu, e o seu tesouro  
deu a Jesus da Galileia,  
espargindo na casa do Leproso  
o olor do nardo da Judeia.

Feliz esse que parte o coração  
e ganha a Paz, e ganha o Amor!  
Quem, de outra forma, pode libertar-se  
do Pecado escravizador?  
E onde, a não ser num coração partido,  
entra Jesus, Nosso Senhor?

Ah! o morto de garganta inflada e púrpura,  
e olhar imóvel, indeciso,

aguarda as santas mãos, que o Bom ladrão  
exaltaram no Paraíso:  
Deus não despreza os corações contritos,  
e é estranho, às vezes, seu juízo.

O homem da lei, vestido de vermelho,  
deu-lhe, de vida, três semanas,  
para a sua alma conciliar consigo,  
e sem ideias ruins, tiranas,  
purificar do sangue derramado  
as mãos, um dia desumanas.

E ele purificou, chorando sangue,  
as rudes mãos de instintos crus:  
pois só o sangue lava o próprio sangue  
e só o pranto ao Bem reconduz:  
e a nódoa rubra de Caim transforma  
na branca auréola de Jesus!



## VI

No cárcere de Reading, junto a um muro,  
terra de opróbrio os ossos come  
de um desgraçado, envolto num sudário  
que o afogueia e que o consome!  
É uma campa infamante essa em que jaz,  
uma campa que não tem nome!

E aí, até Jesus chamar os mortos,  
tranquilamente há-de jazer.  
Inútil verter lágrimas inúteis,  
e dar suspiros, e gemer.  
- Ele matou aquilo que adorava,  
teve, por isso, de morrer.

No entanto (ouvi!) cada um mata o que adora:  
o seu amor, o seu ideal.  
Alguns com uma palavra de lisonja,  
outros com um frio olhar brutal.  
O covarde assassina dando um beijo,  
o bravo mata com um punhal.

*Tradução de Gondin da Fonseca*

**JOSÉ MARIA ALVES**

[www.homeoesp.org](http://www.homeoesp.org)

[www.josemariaalves.blogspot.com](http://www.josemariaalves.blogspot.com)

**JANEIRO DE 2010**